

Um panorama da literatura palestina no último século de colonização

Carolina Ferreira de Figueiredo* 

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir a formação da literatura palestina ao longo dos séculos XX e XXI, considerando suas reverberações em meio aos processos coloniais britânicos e sionistas e com a criação do Estado de Israel, em 1948. Consideramos a literatura como parte integrada das transformações políticas e econômicas na região do Oriente Médio, e na Palestina especificamente, refletindo sobre suas realidades sociais, sobretudo àquela vinculada ao imperialismo e dominação, e nesse sentido, na possibilidade de elaboração de identidade (nacional) e resistência. Nesse âmbito, buscaremos apresentar um panorama da formação deste campo, levando-se em consideração os diferentes momentos vividos por palestinos, desde a presença britânica, até o estabelecimento de Israel e, mais recente, as últimas décadas de ocupação. Analisaremos como a preocupação com o território esteve presente desde o início desse processo colonial, traçando sensibilidades literárias e intelectuais, e apresentando, historicamente, um fio condutor desta temática, a ameaça, a perda da terra e as possibilidades de conexão com o território sob ocupação contemporânea.

Palavras-chave: Nakba; Literatura Palestina; Identidade; Ocupação; Diáspora.

Submetido: 25/02/2026

Aceito: 05/06/2026

* Doutora em História Social (UFRJ). Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. E-mail: carolina.f.figueiredo@ufes.br.

An overview of Palestinian literature in the last century of colonization

Carolina Ferreira de Figueiredo 

Universidade Federal do Espírito Santo

Abstract

This work aims to discuss the formation of Palestinian literature throughout the 20th and 21st centuries, considering its reverberations amidst colonial processes, British and Zionist, and the creation of the State of Israel in 1948. We consider literature as an integral part of the political and economic transformations in the Middle East region, and in Palestine specifically, reflecting on its social realities, especially those linked to imperialism and domination, and in this sense, on the possibility of elaborating (national) identity and resistance. Within this context, we will present an overview of the formation of this field, taking into account the different moments experienced by Palestinians, from the British presence to the establishment of Israel and, more recently, the last decades of occupation. We will analyze how the concern with territory has been present since the beginning of this colonial process, tracing literary and intellectual sensibilities, and presenting, historically, a guiding thread of this theme: the threat, the loss of land, and the possibilities of connection with the territory under contemporary occupation.

Keywords: Nakba; Palestinian Literature; Identity; Occupation; Diaspora.

Una visión general de la literatura palestina en el último siglo de la colonización

Carolina Ferreira de Figueiredo



Universidade Federal do Espírito Santo

Resumen

Este trabajo pretende analizar la formación de la literatura palestina a lo largo de los siglos XX y XXI, considerando sus repercusiones en medio de los procesos coloniales, británicos y sionistas, así como de la creación del Estado de Israel en 1948. Consideramos la literatura como parte integral de las transformaciones políticas y económicas en la región de Oriente Medio, y en Palestina específicamente, reflexionando sobre sus realidades sociales, especialmente aquellas vinculadas al imperialismo y la dominación, y, en este sentido, sobre la posibilidad de construir una identidad (nacional) y resistencia. En este contexto, buscaremos presentar un panorama de la formación de este campo, considerando los diferentes momentos vividos por los palestinos, desde la presencia británica hasta el establecimiento de Israel y, más recientemente, las últimas décadas de ocupación. Analizaremos cómo la preocupación por el territorio ha estado presente desde el inicio de este proceso colonial, rastreando las sensibilidades literarias e intelectuales y presentando, históricamente, un hilo conductor de este tema: la amenaza, la pérdida de tierras y las posibilidades de conexión con el territorio bajo la ocupación contemporánea.

Palabras clave: Nakba; Literatura Palestina; Identidad; Ocupación; Diáspora.

Introdução

Este trabalho tem como proposta abordar a formação de um cenário literário palestino ao longo dos séculos XX e XXI, considerando-se a presença colonial no território, e nesse âmbito, as suas implicações para a população palestina em mais de um século desse processo histórico, ainda inacabado¹. Buscamos tratar, portanto, de um período alargado, a fim de compreender as transformações ocorridas na Palestina e como estas impactaram a formação da literatura palestina. Seguimos a proposição de Rashid Khalidi², historiador palestino, ao traçar os cem anos de guerra na Palestina, com marco importante ao que o autor chama como a “primeira declaração de guerra”, em 1917, com a Declaração de Balfour. Este documento, publicado pelo governo britânico, apoiou oficialmente o projeto de criação de um lar nacional judaico no território da Palestina, sem consulta à população local, que foram invisibilizados. Nesse sentido, compreendemos a Questão Palestina como tendo uma origem na contemporaneidade, isto é, uma questão persistente no tempo presente, mas que só pode ser entendida na sua duração, desde fins do século XIX, com o projeto colonial sionista e a partir do domínio britânico sobre o território, com pontos de culminância importantes, como a própria Declaração de Balfour no início do século XX. Voltaremos a falar de marcos significativos – de ruptura – para os palestinos nas páginas a seguir, entendendo que a literatura agiu sob esta realidade, moldando sensibilidades de identidade e resistência.

Nesse sentido, este trabalho busca realizar uma espécie de sistematização dos diversos períodos dentro dessa realidade contemporânea, um panorama dos (1) debates realizados em torno da literatura que versou sobre a identidade palestina e/ou o problema da Palestina; e (2) apresentar escritores(as) que desenvolveram em suas obras reflexões importantes sobre a resistência palestina. Ainda que não se busque fazer análises mais aprofundadas da produção literária de autores(as) em si, como uma análise textual das publicações, dimensionar suas obras e contextos de produção será central para localizar o debate dos caminhos de desenvolvimento da literatura palestina. Para isso, busca-se também mobilizar uma bibliografia que já se debruçou sobre o tema.

¹ Parte das reflexões presentes neste artigo foram abordadas em tese de doutorado. FIGUEIREDO, C. F. de. *Mil e Uma Palestina(s): Dimensões de narração, construções espaço-temporais e inscrição de cultura a partir da literatura de escritoras palestinas na contemporaneidade*. Tese de Doutorado (História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2022.

² KHALIDI, R. *The Hundred Year's War on Palestine: a history of settler colonial conquest and resistance, 1917-2017*. New York: Metropolitan Books, 2020.

Assim, o artigo propõe uma divisão que segue a análise do cenário literário para períodos e marcos significativos de transformação do território e população palestina: para uma primeira etapa, trataremos do recorte anterior a criação do Estado de Israel, buscando observar os debates presentes na literatura em torno da presença de dois entes estrangeiros: a Inglaterra, que formalmente criou o Mandato Britânico da Palestina em 1922, como resultado da Primeira Guerra Mundial; e o movimento sionista, que se constituiu a partir de um plano de colonização da Palestina, ainda no século XIX, tendo importantes desdobramentos como o crescimento da migração judaica no território no século seguinte. Em um segundo momento, trataremos da literatura depois da Nakba, isto é, depois da catástrofe, assim referida à criação do Estado de Israel em 1948. Analisaremos o impacto desta ruptura para a literatura e seus desdobramentos nas décadas de 1960 e 1970, quando há uma elaboração expressiva do sentido da resistência. E, por fim, buscaremos traçar um panorama mais recente da literatura palestina, considerando as transformações depois de 1967 e depois a partir da década de 1990, refletindo sobre a transformação da chamada Questão Palestina em âmbito local e global.

Ainda nesta seção introdutória, cabe dimensionar as perspectivas empregadas em torno da literatura. A proposta desse estudo entende a literatura como parte de uma totalidade, ou seja, indissociável de aspectos políticos, econômicos e sociais do local onde se desenvolve. Ou seja, ao partir do pressuposto que a literatura reage às realidades da vida material de sujeitos, isto não implica o engessamento da leitura sobre esta literatura, lendo-a apenas como um “reflexo” de determinado processo histórico; mas, justamente o oposto, compreendendo a noção de que a literatura só se constitui na medida em que ela se coloca em criação, oposição, tensionamento e conduta às diferentes realidades vividas. Como fundamenta Edward Said³, ignorar os contextos nacionais e internacionais da produção de obras é “perder uma ligação essencial entre sua ficção e o mundo histórico dessa ficção”, e nesse sentido, o valor das obras, como afirma o autor, também reside na concretude, “devido a suas complexas filiações a seu quadro real”. Ainda que Said empreenda essa análise para discutir a relação entre o romance e o imperialismo, isto é, a relação de obras ditas canônicas europeias e como estas também contribuíram para o imaginário do Império e do Outro, retomamos o autor para ressaltar a importância do elemento da concretude para compreender a literatura, que forma e se transforma dentro de seus próprios contextos. Ademais, nesse sentido, não há dicotomia entre a subjetividade individual do autor e sua realidade social.

Complementarmente, indicamos uma historiografia relevante que tem trabalhado a literatura de forma a compreender suas dinâmicas com as realidades sociais, entendendo a

³ SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 48.

materialidade destas relações para a elaboração propositiva de uma escrita literária. Mobilizamos assim Raymond Williams⁴, que, ao tratar das interações da literatura com as ciências sociais, afirma ter desenvolvido o que chama de “estrutura de sentimento” para melhor compreender certas características partilhadas por um grupo em um determinado tempo. Para o autor, a possibilidade de elaborar uma estruturação dessas dinâmicas permite estabelecer relações entre fatos sociais e históricos e os literários, criados não individualmente, mas coletivamente. Desse modo:

Devemos estudar [...] as categorias organizadoras – as estruturas essenciais – que dão a essas obras sua unidade, seu caráter estético específico e sua qualidade estritamente literária, e que, ao mesmo tempo, revela-nos o grau mais elevado possível da consciência de um grupo social – em termos reais, de uma classe social –, que, afinal, criou-as nos seus autores individuais, bem como por meio deles⁵.

Partindo destes elementos, investigamos a conformação da literatura palestina de forma a compreender suas interações com o mundo social dos sujeitos que a compõem e, sobretudo, nas dinâmicas em relação ao tema da identidade, aqui incluindo-se a nacional: uma temática fundamental e singular para os palestinos, mas que atravessou também os debates da formação da nação e da luta anticolonial nos países árabes, formando um *topos* literário importante, e assim, uma categoria relevante para interpretar a literatura dos espaços colonizados⁶.

A literatura palestina no início do século XX

As transformações da literatura palestina nas primeiras décadas do século XX apresentam origens diversas, ainda que não divergentes entre si. Podemos dimensionar, por exemplo, dinâmicas próprias de mudança e mobilidade do cenário artístico e cultural do Oriente Médio, de maneira ampla, e que atingiu também a região da Palestina. Aliás, quando mencionamos esse cenário literário, a circulação de ideias e materiais é importante e central, entre o Levante, por exemplo – região que inclui a Síria e o Líbano –, bem como o Egito, que

⁴ WILLIAMS, R. *Cultura e Materialismo*. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

⁵ WILLIAMS, 2011, p. 33.

⁶ SELIM, S. The Narrative Craft: realism and fiction in the Arabic canon. *Edebiyat: Journal of M.E. Literatures*, London, vol. 14, n. 1 & 2, p. 109-128, 2003; ABU-MANNEH, B. *The Palestinian Novel: from 1948 to the present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

tem uma configuração singular na relação com a tradição árabe, muçulmana e região do Oriente Médio. Por outro lado, é visível que a própria singularidade da situação da Palestina – aquilo que se configurará como a “Questão da Palestina” teve impacto, desde muito cedo, na produção literária da região, seus temas, formas e modos de circulação. Nesse sentido, ao falarmos desse primeiro momento do cenário literário na Palestina, buscamos sistematizar essas diferentes realidades e como estas dialogam a partir do processo de dominação e/ou do imperialismo estrangeiro.

Um movimento importante neste contexto foi a *Nahda*, ou Renascimento, um cenário de efervescência cultural – sobretudo literária, que se desenvolveu no final do século XIX e no início do século XX, especialmente no Egito e na Síria, mas também visto na Palestina⁷, como discutiremos mais adiante. Este movimento de “renascimento literário” teve diversos desdobramentos, como experimentações linguísticas e de formas nas expressões literárias do período, um certo “resgate” de gêneros literários do passado incorporados em novas formas de escrita, como o *maqama*⁸, por exemplo, bem como novas reflexões atribuídas a essas formas literárias, como a identidade.

Esse movimento foi promovido por uma *intelligentsia* árabe do período, que atuou inserida nas transformações dos gêneros literários a partir do contato colonial europeu, integrando elementos de reflexão de uma certa “renovação” e restituindo elementos tradicionais árabes-islâmicos, situando um debate sobre as relações entre tradição e modernidade, impactados pela presença imperialista. Assim, podemos compreender que a *Nahda* foi um período de novidade e experimentação, atravessado justamente pela questão colonial. Nesse aspecto, os intelectuais que produziram ficção neste período, especialmente nos séculos XIX e XX, se preocuparam em moldar uma nova forma de linguagem, bem como propuseram uma reflexão sobre as formas de representação literária, tensionando mimese e metáfora, o artístico e o discursivo, que falasse sobre a construção de si (da comunidade), um fenômeno de reformulação tanto ontológica quanto materialista⁹.

Um desdobramento central desse período foi o desenvolvimento do gênero literário do romance, menos usual à linguagem literária do período, mas que passou a ter uma significação importante nesse contexto. Isto porque, como argumenta Wen-Chin Ouyang¹⁰, o discurso contido na formação da literatura árabe, especialmente o romance, se constituiu a partir de uma

⁷ ABDYOU, I. M.; ABU-REMAILEH, R. A Literary Nahda Interrupted: Pre-Nakba Palestinian Literature as Adab Maqalat, *Journal of Palestine Studies*, n. 51, v. 3, p. 23-43, 2022.

⁸ MOOSA, M. *The origins of Modern Arabic Fiction*. 2nd edition. London: A three continents book, 1997.

⁹ SHEEHI, S. *Foundations of Modern Arab Identity*. Gainesville: University Press of Florida, 2004. p. 115.

¹⁰ OUYANG, W. *Poetics of Love in the Arabic Novel: nation-state, modernity and tradition*. UK: Edinburgh University Press, 2012.

preocupação comum (e junto) ao nacionalismo árabe, isto é, ao defrontar o colonialismo. Nesse sentido, ao mesmo tempo, em que incorporava obras estrangeiras, por meio de processos de tradução, arabização e adaptação de romances¹¹, se transformava esta literatura com elementos do discurso nacional moderno em vias de uma elaboração de uma identidade – também nacional. Vemos aqui, por exemplo, que a problemática se estende para além do sentido de uma “cópia” de um modelo ocidental, mas demonstra a complexidade do encontro colonial e seus diversos efeitos para a sociedade dominada, bem como as formas de criação de uma nova linguagem a partir de um período de imenso impacto social.

Esta dimensão é relevante uma vez que é a dimensão nacional – no íntimo relacionamento com a condição colonial – uma das responsáveis por pautar o desenvolvimento do romance e a estética literária no Oriente Médio como um todo, ainda que as diferentes regiões ofereçam particularidades, como a Palestina. Nesse aspecto, Samah Selim¹² enfatiza que o realismo literário, por exemplo, muitas vezes entendido como um resultado de um amadurecimento (um apogeu da ficção moderna, nos termos da autora), deve ser compreendido em sua chave mais complexa para o romance árabe, não apenas como uma verossimilitude. Assim, “quando os críticos árabes usam a palavra “realidade” para falar de ficção árabe, eles querem dizer ‘realidades nacionais’, um termo que levanta o espectro de um conjunto de questões históricas e sociais específicas como o colonialismo e a luta anticolonial”¹³. Voltaremos a tratar desse tema no próximo tópico, quando o realismo se torna parte importante da linguagem também para a literatura palestina.

Como parte constitutiva da região, podemos compreender que as questões experienciadas pela *Nahda* também foram sentidas na Palestina, sobretudo ao considerar-se a circulação intelectual e artística do período. Contudo, ainda que integrada às transformações do Oriente Médio na virada do século XX, os palestinos tiveram uma trajetória singular em relação às formas de dominação, o que impactou também na formulação de identidade e resistência nacional, ainda no início do século. É o que argumenta M. Peled¹⁴, ao compreender que a literatura palestina se formou antes mesmo de uma identidade nacional “cristalizada”, em suas palavras. Isso pode nos apontar, por exemplo, para como a literatura foi importante componente da sociedade para refletir sobre si e as questões que a cercavam na época. Nesse sentido, seguindo com uma espécie de divisão do período proposta pelo autor, a literatura palestina teria se desenvolvido entre 1917 e 1948, atingindo um lugar único dentro da ampla designação da

¹¹ ALLEN, R. *The Arabic Novel: an historical and critical introduction*. New York: Syracuse University Press, 1982.

¹² SELIM, 2003.

¹³ SELIM, 2003, p. 110 (tradução nossa).

¹⁴ PELED, M. *Annals of Doom: Palestinian Literature - 1917-1948*. *Arabica*, n. 29, v. 2, p. 143-183, 1982.

literatura árabe. De forma complementar, Ibrahim Mahfouz Abdou e Refqa Abu-Remaileh¹⁵ apontam que a Palestina teria vivido seu próprio período de *Nahda* nas décadas de 1930 e 1940, sendo interrompido pela constituição do Estado de Israel em 1948.

Vale destacar que nesse cenário particular, a Palestina já enfrentava transformações territoriais, com a migração judaica e organização de compra de terras pelo movimento sionista. A imigração para a Palestina iniciou-se ainda no século XIX, ainda que, por décadas, se manteve em números relativamente pequenos, como informa Edward Said¹⁶. O crescimento mais vertiginoso da população judaica na Palestina se deu na década de 1930, entre 1931 e 1936, quando subiu de 17,1% para 29,5%¹⁷, quando o antissemitismo na Europa e ascensão do nazismo transformou o cenário mundial.

Nesse sentido, a Palestina teve que enfrentar problemas simultâneos, ao vivenciar o projeto sionista e a mudança de administração do Império Otomano para a Inglaterra, após a Primeira Guerra Mundial, já que esta consolidou sua presença na Palestina com a instalação do Mandato Britânico em 1922. O Mandato atuou sob controle territorial, econômico e militar da Palestina, e como fundamenta Sherene Seikaly¹⁸, foi um período marcado por empobrecimento, expropriação, prisões, violência física e exílio, especialmente a partir da década de 1930.

Dentro deste cenário, podemos situar que o entendimento do projeto sionista por parte da população local palestina esteve presente tão logo a criação do movimento, como podemos nas dinâmicas políticas do período¹⁹, mas sobretudo na própria expressão do cenário literário palestino.

Assim, é possível visualizar nas primeiras décadas do século XX o desenvolvimento da literatura palestina, sobretudo a poesia. Como uma linguagem historicamente importante para a cultura árabe, a expressão poética era vista como uma forma mais direta para tratar dos assuntos urgentes da sociedade, e nesse sentido, servir como uma arma de luta. Como uma “literatura sensível”, a poesia nacionalista se transformou em um veículo central para tratar dos perigos que se abatiam sob o território palestino, então, como uma expressão de registrar a história e moldá-la²⁰. Havia, portanto, um núcleo importante de intelectuais e literatos

¹⁵ ABDU; ABU-REMAILEH, 2022.

¹⁶ SAID, E. W. *A questão da Palestina*. Tradução: Sonia Midori. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹⁷ MASALHA, N. *Expulsion of the Palestinians: the concept of “transfer” in Zionist Political Thought (1882-1948)*. Washington: Institute for Palestine Studies, 1992. p. 49.

¹⁸ SEIKALY, S. *Men of Capital: scarcity and economy in Mandate Palestine*. California: Stanford University Press, 2016.

¹⁹ SALGADO NETO, L. *O movimento político árabe na Palestina sob controle britânico: culturas políticas em perspectiva comparada (1929-1937)*. Tese de doutorado (História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2017.

²⁰ PELED, 1982.

dedicados a refletir sobre esta realidade, que incluiu à época o estabelecimento de clubes culturais, sobretudo nos anos 1920, além da criação de diversos jornais na Palestina, como o *Filastin*, fundado em 1911²¹. Segundo Ghassan Kananfani²², já existiam gráficas antes do estabelecimento do Mandato Britânico, e em 1936, quando explodiu uma revolta de cunho nacionalista no território palestino, cerca de dez jornais eram impressos e circulavam no país. Kananfani chama atenção para a efervescência cultural que atingia tanto o espaço urbano – como no caso dos impressos, mas também no campo. Como fundamenta o autor, a poesia política cantada, chamada de *zajal*, era uma amostragem relevante das preocupações e lutas dos camponeses, que eram disseminadas por músicos poetas itinerantes²³.

A oralidade, portanto, foi aspecto fundamental para a composição de uma consciência cada vez mais uníssona em torno das questões que circundavam os palestinos, entendendo ainda que a própria poesia tinha um potencial vocalizador, como uma “vida própria” de espalhamento e sobrevivência sem necessariamente precisar de uma publicação²⁴.

Os espaços dados às publicações também foram centrais para a conformação de um corpo literário, como nos informa Abdou e Abu-Remaileh²⁵, aquilo que foi chamado por Ishaq Musa al-Husseini (1904-1990), intelectual palestino do início do século XX, e um dos primeiros a teorizar sobre as características da literatura palestina, de *adab maqalat*, ou seja, uma literatura de periódicos. Isto é, as discussões e a circulação se davam nos jornais, com publicações que falavam do perigo sionista e do colonialismo britânico, assim como referenciavam as experiências e identidades palestinas. Conforme prolongavam-se as tensões e a perseguição colonial no período, estas publicações foram sendo banidas, sobretudo a partir da década de 1930²⁶.

Foi a partir desta mesma década que poetas como Ibrahim Tuqan (1905-1941), Abd al-Karim al-Karmi (1909-1980) e Abd al-Rahim Mahmoud (1913-1948) tiveram seus trabalhos elevados dentro da perspectiva da “poesia patriota”, conscientizando e convidando a população para ação contra a presença estrangeira. Durante esse período, Tuqan, por exemplo, compôs diversas poesias entendidas como odes nacionalistas, publicadas no periódico *al-Difa'*, o que

²¹ KHALIDI, R. *Palestinian Identity: the construction of modern national consciousness*. New York: Columbia University Press, 1997.

²² KANAFANI, G. *A Revolução Palestina de 1936 a 1939*. Tradução: Letícia Bergamini Souto. São Paulo: Expressão Popular, 2024. p. 56.

²³ KANAFANI, 2024, p. 57.

²⁴ KANAFANI, G. *Palestinian Literature*. Translated by Sulafa Hijjawi. In: HIJJAWI, Sulafa. *Poetry of Resistance in Occupied Palestine*. Baghdad: Ministry of Culture, 2009. p. 3-8.

²⁵ ABDOU; ABU-REMAILEH, 2022.

²⁶ ABDOU; ABU-REMAILEH, 2022.

oferecia também uma circulação significativa na Palestina²⁷. É de 1934 um dos seus poemas mais famosos, intitulado *Mawtini* – Minha terra natal, que se tornou um hino não oficial da Palestina. É o período de maior dinamismo cultural, segundo Kanafani²⁸, que preparou terreno para a revolta de 1936 – que foi duramente reprimida até 1939.

A literatura de resistência

Com a *Nakba* de 1948, isto é, o período nomeado de catástrofe pelos palestinos, em referência à criação do Estado de Israel, as dinâmicas sociais alteraram-se radicalmente, afetando diretamente a produção cultural. Vale destacar que a culminância na criação de Israel deve ser compreendida dentro do panorama apontado anteriormente, que se refere, portanto, às décadas anteriores que acompanharam uma gradativa perda de territórios, expropriação e empobrecimento de parte da população palestina, sobretudo em áreas rurais. Por outro lado, o processo que levou efetivamente à criação do Estado no mês de maio se constituiu a partir de uma ofensiva, já vista desde 1947, com cenários de expulsão de palestinos de suas vilas, no contexto da proposição da ONU para a partilha da Palestina em dois estados, que não se concretizou. Nesse cenário, milícias armadas sionistas, como o Irgun e Haganah, que viriam a fazer parte do futuro exército israelense, faziam ofensivas em diversas partes do território, levando os palestinos, já neste momento, a um processo de deslocamento interno.

Um marco significativo desse processo é o Massacre de Deir Yassin, que aconteceu ainda em abril de 1948 em uma vila próxima à Jerusalém, que foi atacada e despovoada, levando ao assassinato de centenas de palestinos desarmados. Rashid Khalidi²⁹ evidencia o caráter violento da constituição do Estado de Israel, que neste primeiro período do plano de conquista do território, promoveu a expulsão de aproximadamente 300.000 palestinos. Com a criação de Israel, em maio de 1948, iniciou-se uma segunda fase, marcada pelo confronto com os exércitos dos países árabes e com cerca de mais 400.000 habitantes expulsos da Palestina. O processo de deslocamento forçado, já em curso, foi imposto neste período, resultando nos milhares de refugiados, alguns internos ao território de Israel/Palestina, e outros que seguiram para regiões próximas, como Líbano e Jordânia, além dos palestinos assassinados neste contexto.

²⁷ INTERACTIVE Encyclopedia of the Palestine Question. Biography Ibrahim Tuqan. Disponível em: <https://www.palquest.org/en/biography/9721/ibrahim-tuqan>. Acesso: 09 fev. 2026.

²⁸ KANAFANI, 2024.

²⁹ KHALIDI, 2020, p. 74.

Em um plano geral, podemos compreender que a fundação de Israel significou a apropriação de toda uma vida social e cultural existente naquela região, incluindo-se aí o controle geoespacial, o patrimônio e edificações históricas. Em parte, estes foram incorporados ao projeto cultural sionista³⁰, e por outro lado, foram transformados ou destruídos, de modo a apagar a presença palestina na região. Como fundamenta Falah³¹, “de fato, remover as estruturas palestinas que podem atuar como significantes culturais serve aos objetivos políticos de diminuir o passado palestino e enfraquecer as reivindicações palestinas pela terra”. No âmbito da produção cultural, podemos dimensionar que a *Nakba* foi determinante para a desestruturação desse ambiente vibrante das décadas anteriores. Como dimensiona Kanafani³², a transformação do território a partir de 1948 foi decisiva para uma ruptura na sociedade palestina, resultando na desarticulação de centros urbanos importantes de produção cultural. Parte significativa destes produtores foi para o exílio, por exemplo, e outros tiveram que se desenvolver sob condições bastante difíceis depois da criação do Estado, como veremos, dada a imposição das leis marciais e de controle dos palestinos que ficaram no território. Isto permite problematizar um certo hiato da produção literária no imediato pós-*Nakba*: não um desinteresse em tratar daquele cenário, mas a dura realidade e a impossibilidade de produzir e fazer circular materiais.

Como fundamenta Refqa Abu-Remaileh³³, os periódicos, tão importantes para a circulação de ideias na Palestina no início do século, em cidades litorâneas como Jaffa, Haifa e Acre, desapareceram com a criação de Israel. Apenas um jornal, o *Al-Ittihad*, um periódico alinhado ao Partido Comunista, conseguiu reviver e sobreviver depois de 1948, tornando-se uma das poucas publicações em língua árabe a existir dentro de Israel³⁴. Parte da sua sobrevivência se deveu à aproximação com partidos de orientação à esquerda sionista em Israel, como o Mapam e Mapai, que garantiram algum diálogo em torno de temas como os direitos de trabalhadores israelenses e palestinos, ainda que estas relações tenham sido atravessadas por tensionamentos e rupturas ao longo das décadas³⁵.

³⁰ MASALHA, N. Decolonizing methodology, reclaiming memory: Palestinian oral histories and memories of the Nakba. In: ABDO, N; MASALHA, N. *An Oral History of the Palestinian Nakba*. London: Zed Books, 2018. p. 6-39.

³¹ FALAH, G. The 1948 Israeli-Palestinian War and its Aftermath: The Transformation and De-Signification of Palestine's Cultural Landscape. *Annals of the Association of American Geographers*, Volume 86, Issue 2, p. 187-386, 1996. p. 277 (tradução nossa).

³² KANAFANI, 2009.

³³ ABU-REMAILEH, R. 1948-1967 Literature under Triple Occupation Post-Nakba. *Country of Words*. Stanford University Press, 2023. Disponível em: <https://countryofwords.supdigital.org/periods/literature-under-triple-occupation-post-nakba/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

³⁴ ABU-REMAILEH, 2023, s.p.

³⁵ FIGUEIREDO, C. F. de. *Traços de uma Haifa vermelha: um estudo sobre a cultura visual da sociedade palestina/israelense através de charges e ilustrações do artista palestino Abed Abdi (1972-1982)*. Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2016.

A existência do *Al-Ittihad*, e depois a sua revista literária, *Al-Jadid*, foram importantes para uma reorganização da literatura palestina dentro de Israel, sendo os próprios periódicos editados por figuras importantes como Emile Habibi (1922-1996) e Emile Touma (1919-1985). Neste momento, havia a dificuldade de manter uma produção literária tendo em vista o controle e censura de Israel, e nesse sentido, também era desenvolvida isolada do restante do mundo árabe. Seguindo com o Abu-Remaileh, esta literatura se desenvolveu, no período pós-*Nakba*, dentro das perspectivas de reflexão sobre o apagamento palestino promovido por Israel, bem como a investigação sobre a herança e patrimônio palestino. Isso é demonstrado pelas importantes publicações organizadas pelo Al-Ittihad: “foi no Al-Ittihad e no Al-Jadid que Habibi escreveu colunas satíricas sob o pseudônimo Juhayna, publicou contos e serializou o seu famoso romance *O Pessoptimista*”³⁶.

Para Bashir Abu-Manneh³⁷, apesar da permanência da importância da poesia, é a partir da década de 1950 que os romances ganham proeminência: “o romance é claramente um produto de uma sociedade em revolta contra a conquista colonial e a expropriação, uma sociedade abandonada por uma elite local cúmplice e pelos regimes árabes vizinhos aliados ao imperialismo, e ameaçada de destruição”. Neste cenário, é possível visualizar a publicação de obras como a já citada *Pessoptimista* de Habibi, além das publicações de Jabra Ibrahim Jabra (1919-1994), como *O navio*, de 1970, e as produções de Ghassan Kanafani (1936-1972), que falaremos adiante. O autor compreende como mudanças significativas nas formas literárias acompanham grandes transformações históricas, como a *Nakba*, e nesse sentido, reflete que o realismo literário e a emancipação nasceram juntas na conformação do romance palestino como desejo por libertação³⁸.

Outros dois ramos fundamentais no desenvolvimento dessa literatura pós-*Nakba* foram a literatura da prisão e a literatura local – em árabe, *al-adab al-mahalli*. Esta última se consolidou e ganhou esta terminologia a partir de uma série de publicações, entre contos e poemas, realizados por autores que passaram a tratar sobre a vida e a cultura de suas cidades e vilas, algumas delas que sobreviveram ao processo de despovoamento e desestruturação no contexto do estabelecimento de Israel. É o caso de Tawfiq Zayyad (1929-1994), conhecido por seus poemas, mas que ao longo das décadas de 1950 e 1960 publicou contos na revista *Al-Jadid*. Em 1961, a seção “histórias das nossas vilas” (*Hikaya min Qurana*) publicou um conto de Zayyad que falava de sua vila, Muqeibila³⁹.

³⁶ ABU-REMAILEH, 2023, s.p. (tradução nossa).

³⁷ ABU-MANNEH, 2016, p. 19 (tradução nossa).

³⁸ ABU-MANNEH, 2016, p. 24.

³⁹ ABU-REMAILEH, 2023, s.p.

Quanto a literatura da prisão, esta teve tração no contato entre intelectuais e escritores que foram presos ao longo do processo de resistência às diversas imposições e controle de Israel, e que tiveram seus materiais publicizados nas revistas, como é o caso de Mahmoud Darwish (1941-2008), hoje conhecido como um dos poetas palestinos mais importantes. Estas produções também ganhavam público em festivais em que as poesias eram declamadas, como o caso de Zayyad, que escreveu um poema na prisão Damoun e que foi lida por Hanna Ibrahim (1927-2020) em um festival que aconteceu em Acre, em 1958⁴⁰. Este cenário oportunizou também as próprias reflexões sobre o papel da poesia – como nos anos anteriores, para a luta nacional, publicada no artigo de 1961 de Darwish, *Sobre a nossa poesia*.

Nesse cenário, podemos apontar também as importantes contribuições de Ghassan Kanafani, intelectual e escritor palestino, que buscou compreender o desenvolvimento da literatura palestina, com estudos como *Literatura de resistência na Palestina ocupada 1948-1966*, de 1966, bem como *Literatura de resistência palestina sob a ocupação 1948-1968*, publicada em 1968. Desse período também data as publicações de Kanafani sobre o desenvolvimento do sionismo, em *Sobre a literatura sionista*, de 1967, e acerca da história palestina pré-1948, no livro *A revolução palestina de 1936 a 1939*, publicada em 1969 enquanto estava no Líbano. Dentre suas reflexões, ressaltamos a formulação da noção de *al-adab al-muqawama*, a literatura de resistência, para se referir a produção literária palestina. Para o autor, a literatura de resistência desenvolveu-se como uma linguagem singular para os escritores palestinos, que passaram a utilizar novas formas literárias para tratar do cenário na Palestina: a perda do território e a desestruturação da sociedade, de maneira mais efetiva a partir de 1948, e seus desdobramentos até o tempo da escrita de Kanafani, no fim da década de 1960⁴¹. Para Elizabeth M. Holt⁴², o autor se aprofundou na ficção, na crítica literária e no processo editorial entendendo-os enquanto componentes da literatura de resistência. É nesse universo amplo de formulação de luta e resistência que compreendemos a sua produção, que abarca diversos romances como *Homens ao sol* (1962) e *Umm Saad* (1969). Em sua obra mais conhecida, *Homens ao sol*⁴³, Kanafani faz uma construção angustiante e violenta sobre a decisão de

⁴⁰ ABU-REMAILEH, 2023, s.p.

⁴¹ FIGUEIREDO, C. F. de. Cultura e política: perspectivas de Ghassan Kanafani sobre a formação e organização da literatura sionista. *Revista Maracanan*, n. 41, p. 01-23, jan.-abr. 2026, p. 3.

⁴² HOLT, E. M. Resistance Literature and Occupied Palestine in Cold War Beirut. *Journal of Palestine Studies*, vol. 50, n. 1, p. 3-18, 2021. p. 5.

⁴³ KANAFANI, G. *Men in the sun and other Palestinian stories*. Translated by Hilary Kilpatrick. London: Lynne Rienner Publishers, 1999.

atravessar uma fronteira, em que os protagonistas são encontrados com diversas questões sobre viver, viver no exílio e os perigos de morrer⁴⁴.

Cabe ainda destacar que a escrita de Kanafani atravessou as transformações de 1967, quando o confronto entre Israel e os estados árabes impôs aos palestinos a ocupação dos seus territórios – Cisjordânia, Gaza e Jerusalém oriental, sob controle militar de Israel. Isto legou uma nova transformação na conformação do território palestino e sua luta, na medida em que se aprofundava o controle israelense, acelerava a expropriação de palestinos bem como aumentava os assentamentos de colonos nos territórios ocupados. Realidades em andamento, ainda que os desdobramentos próprios depois da ocupação de 1967 alteraram alguns caminhos da luta palestina e da própria literatura.

A literatura depois da ocupação e as perspectivas da diáspora

Depois de 1967, podemos dimensionar algumas transformações significativas para a população palestina, e dada a sua continuidade, a complexidade que inclui pensar as relações entre exílio e diáspora, considerando-se o prolongamento do processo até os dias de hoje. Em primeiro lugar, a ocupação dos territórios palestinos marcou uma relação nova – e não necessariamente positiva, com os países árabes. É neste contexto que a luta palestina ganha um novo caráter mais singularizado, e organizado sobretudo pelas movimentações palestinas que se viram com menos apoio depois da década de 1970. É o caso da atuação da Organização pela Libertação da Palestina, a OLP, fundada em 1964, bem como de diversas ações militantes nas décadas seguintes, e grupos diversos, como a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), de orientação marxista-leninista.

Ao mesmo tempo, ainda que resistida, a ocupação dos territórios persistiu nas décadas seguintes, e se aprofundou nos territórios da Cisjordânia e Jerusalém Oriental, enquanto Gaza sofreu um gradativo isolamento promovido por Israel, culminando no bloqueio total em 2007. Esta longa duração não só permitiu que os palestinos vivendo sob ocupação produzissem literatura denunciando a vida controlada pelo poder militar de Israel, como veremos, mas também fundamenta o crescimento de uma produção constituída na diáspora. Isto é, gerações

⁴⁴ Ver mais: GENNARI, M. S. *O exílio palestino em Homens ao Sol (1963): diálogos entre História e Literatura*. Dissertação de Mestrado (História) – São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2016.

seguintes, que não necessariamente vivenciaram a *Nakba* de 1948, mas viveram suas próprias expulsões, ou ouviram os processos de expropriação e expulsão de seus parentes, passaram a narrar em seus livros, compondo uma literatura que trata da memória, da persistência e do trauma – aqui, um processo sempre reatualizado, não no sentido do trauma a superar, como comum na narrativa literária ocidental. Esta relação entre ocupação e diáspora também se constrói a partir de uma mudança na própria imaginação do futuro na Palestina frente às transformações pouco positivas para a população e do território, a exemplo dos Acordos de Oslo, no início da década de 1990. Nesse sentido, é possível demarcar diferença de relatos da ocupação depois de 1967 e depois de 1990. Os sentidos de luta também aparecem como reflexões nesta literatura.

Nesse âmbito, em termos do desenvolvimento da literatura, é possível dimensionar os impactos de 1967 para o cenário da produção escrita. Retomando Abu-Manneh⁴⁵, é nesse contexto que há uma transformação de uma linguagem realista para uma “modernizada”, isto é, com qualidades diferentes da anterior. O autor argumenta que não há um abandono do realismo, mas a derrota de fins da década de 1960 denota certos sentidos de pessimismo que marcam a escrita literária. Nesse âmbito, há uma diferenciação entre o sentido do realismo e a nova linguagem, que revela os diferentes contextos de luta e resistência: “o romance anterior capturou a promessa revolucionária no realismo literário. Somente após a derrota dessa promessa é que a tonalidade da desintegração se torna pronunciada no romance palestino e árabe, e a metáfora cubista de Said se torna pertinente”⁴⁶.

É um sintoma de transformação na década de 1990, ainda, o aprofundamento destas fragmentações depois da derrota de 1967, que tem um novo revés com os Acordos de Oslo. Para esse cenário, Abu-Manneh intitula de sensibilidade pós-modernista, quando há uma renúncia de narrativas grandiosas de emancipação coletiva. Uma transformação do processo histórico e sua relação com a produção literária, que, por um lado, pode informar uma “perda” em relação aos sentidos de luta do passado, mas, por outro, dão mostra de aspectos diversos acerca da produção de resistência mais contemporânea, com outros temas e abordagens.

Para Muhsin al-Musawi⁴⁷, esta literatura recente marca sentidos da reflexão pós-colonial, sobretudo aquela que busca interrogar diversos sistemas de poder em operação, incluindo a persistência do imperialismo e colonialismo, ainda que transformados. Dessa forma, como fundamenta al-Musawi⁴⁸, “[...] a consciência pós-colonial responde a situações adversas

⁴⁵ ABU-MANNEH, 2016, p. 26.

⁴⁶ ABU-MANNEH, 2016, p. 27 (tradução nossa).

⁴⁷ AL-MUSAWI, M. J. *The Postcolonial Arabic Novel: debating ambivalence*. Leiden & Boston: BRILL, 2003.

⁴⁸ AL-MUSAWI, 2003, p. 27 (tradução nossa).

(sejam patriarcais, coloniais, sociais, econômicas ou culturais) com contra leituras, que fazem uso das ferramentas e mecanismos discursivos disponíveis, incluindo reconstruções históricas [...]”. Uma característica que pode ser pertinente para pensarmos outros contextos, mas especialmente a Palestina, que traz a temporalidade e a escrita da história como marcos frequentes no desenvolvimento da literatura, dada que a apreensão de suas narrações está sempre em jogo no âmbito dos poderes globais. Além de outras estratégias, como narrativas fragmentadas, aqui também se incluem posicionalidade diferentes, como, por exemplo, escritoras mulheres que narram experiências com a ocupação e as dinâmicas patriarcais, transformadas pela própria opressão que Israel opera na sociedade palestina⁴⁹.

Quanto ao cenário de ocupação, é possível dimensionar como a construção identidade é marcante para a arte e literatura palestina, sobretudo no contexto pós-1967, e no processo de consolidação de uma matriz literária central para solidificação deste pertencimento. Para Chandnai Desai⁵⁰, esta estética literária e visual é importante como legado geracional. Em uma das entrevistas realizadas pela pesquisadora, o artista de hip hop Tarik Kazaleh afirma que conheceu escritores como Ghassan Kanafani através dos avós e de tios. Na mesma linha, a também artista de hip hop Rafeef Ziadah ressalta que este e outros artistas, como Mahmud Darwish, tiveram impacto na sua formação ainda jovem, “figuras culturais”, em suas palavras, que não eram somente escritores e poetas, mas eram a própria identidade. Não sem coincidência, Darwish é conhecido como o “poeta da causa” [*shacir al-qadiyya*], “consciência da Palestina” [*damir Filastin*] e “possuído pela terra” [*majnun al-turab*]⁵¹. Atualmente, a cena do hip hop, por exemplo, se percebe fruto desta arte cunhada enquanto arte de resistência, já visualizada como um cânone.

De outra parte, Rosemary Sayigh⁵² chama atenção para os calendários de comemoração/lembança na Palestina, cujas variações mostram a diversidade das organizações nas vilas, nos campos de refugiados e dentro de ONGs, reforçando um enquadramento mais amplo nos temas que versavam sobre população e nação quando pautavam a Nakba. Como discute a autora, cerca de um terço das comemorações no Líbano eram relativas a massacres, enquanto na Cisjordânia os eventos culturais eram voltados mais para a construção nacional, com pouca ênfase nos massacres. Nesse aspecto, é possível perceber como essa construção gira

⁴⁹ FIGUEIREDO, C. F. de, 2022.

⁵⁰ DESAI, C. “Besieging the cultural siege”: mapping narratives of Nakba through orality and repertoires of resistance. In: ABDO, N.; MASALHA, N. (eds.). *An Oral History of the Palestinian Nakba*. London: Zed Books, 2018. p. 294-309. p. 300.

⁵¹ OUYANG, W. *Politics of Nostalgia in the Arabic Novel: nation-state, modernity and tradition*. UK: Edinburgh University Press, 2013. p. 88.

⁵² SAYIGH, R. Nakba silencing and the challenge of Palestinian oral history. In: ABDO, N.; MASALHA, N. *An Oral History of the Palestinian Nakba*. London: Zed Books, 2018. p. 114-135. p. 119.

em torno de elementos capazes de acionar significantes que atendem à demanda estética de libertação, produzindo algo novo, que tem múltiplas funções: o combate aos efeitos do colonialismo, o combate narrativo à ocupação israelense, ao mesmo tempo, em que recria elementos partindo de um passado e constrói tradições.

Podemos dimensionar algumas dessas temáticas no que diz respeito à literatura que versa sobre a ocupação e à literatura atravessada pela geração, a partir de duas produções de Sahar Khalifeh (1941 -), importante escritora palestina. No seu livro *Wild Thorns*⁵³, publicado em 1976, o enredo gira em torno da organização da luta palestina a partir do mote da (im)possibilidade de uma revolução, reivindicando o socialismo, por exemplo, como forma de combater a ocupação, e assim, também as relações de classe na Palestina. A própria autora fala deste aspecto em entrevista⁵⁴, sobre como assistiu os proprietários de terra e agricultores perderem o acesso às suas terras, e como isso forçou o trabalho em fábricas israelenses, direcionando-a para leituras marxistas e socialistas sobre classe. A autora observa, portanto, uma realidade em crise, a crise do território e do empobrecimento, e a crise da luta, o que poderia caracterizar essa escrita no período mais imediato do pós-1967.

A crise como objeto também está presente no outro livro de Khalifeh, *The Inheritance*⁵⁵, escrito em 1997. Nesta obra, a autora também mantém uma estruturação narrativa demarcada já que, ao desenvolver a história sobre uma família na Palestina ocupada, Khalifeh reflete sobre a realidade da ocupação em um contexto diferente daquele de 1970. Neste caso, a autora parece interpretar uma realidade histórica da Palestina no pós-Intifada e pós-Oslo, um marcador importante para literatura, como vimos afirmando, em concordância com outros autores⁵⁶. Seu objetivo é visibilizar a situação de diferentes mulheres frente a esta realidade da ocupação, debatendo questões do controle de Israel, mas também o controle interno, patriarcal, um ponto de contato com sua própria trajetória⁵⁷. Assim, colocando a Intifada como um possível marcador, e juntamente com os eventos do Acordo de Oslo, as formas pelas quais a literatura palestina têm encaminhado suas reflexões podem ser indicativos de novas formas geracionais de se pensar a luta, inclusive considerando sua fragmentação e pessimismo. Como desenvolve Geraldo Campos⁵⁸, ao analisar o cinema palestino, a partir dos anos 1980 observa-se uma

⁵³ KHALIFEH, S. *Wild Thorns*. Translated by Trevor LeGassick e Elizabeth Fernea. Massachusetts: Interlink Book, 2011.

⁵⁴ NAZARETH, P. An interview with Sahar Khalifeh. *The Iowa Review*, Iowa, vol. 11, p. 67-86, 1980.

⁵⁵ KHALIFEH, S. *The Inheritance*. Translated by Aida Bamia. Cairo: The University of Cairo Press, 2006.

⁵⁶ FARAG, J. R. *Politics and the Palestinian Literature in Exile: gender, aesthetics and resistance in the short story*. London: I.G. Tauris, 2017.

⁵⁷ NAZARETH, 1980.

⁵⁸ CAMPOS, G. A. G. *Por uma filosofia da espera e da permanência: o tempo no cinema de Elia Suleiman e Kamal Aljafari*. Tese de Doutorado (Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP), 2019. p. 61-62.

transformação nas formas estéticas, em que “há a denúncia da violência, a tradução do insuportável da vida sob ocupação, a crítica à barbárie, as contradições internas (...) mas a questão do Estado não está formulada, nem como temática, nem como linguagem (...)”.

As complexidades dessa ambiguidade em viver longe e perto da Palestina também são recorrentes, como no livro que obteve grande alcance, de Susan Abulhawa (1970 -), *Mornings in Jenin*⁵⁹, publicado em 2006, ou mesmo um título mais recente, como de Hala Alyan (1986 -), em *Salt Houses*⁶⁰, de 2017. Publicados já em inglês, as próprias narrativas partem das experiências das autoras que tiveram que sair da Palestina, ou são palestinas nascidas na diáspora, tornando o tensionamento entre conhecer e desconhecer a Palestina, nítidos. Aqui há uma perspectiva de aproximação, resgate e perpetuação de elementos culturais, mas também um certo silêncio e confusão pela sua herança marcada por diversos deslocamentos geracionais e traumas carregadas por entre as famílias. As próprias personagens vivem em locais diferentes que não a Palestina, e seu retorno, para conhecer o território e as pessoas, quando possível, são atravessadas por sentimentos ambíguos. Isto pode demonstrar algumas das características da situação atual dos palestinos e sua luta por persistência, permanência, ainda que em um cenário prolongado de inúmeras incertezas e crescente violência. E, ainda, por certo apagamento histórico, imposto externamente, ou o silêncio, presente internamente entre grupos e familiares.

Por um lado, podemos compreender que a literatura palestina acompanha certa transformação do romance na contemporaneidade, especificamente na relação com a memória e com o tempo, atrelados à dimensão da violência e do trauma. Nesse sentido, a literatura palestina se integra a um cenário da literatura mundial, que figuram um “(...) ‘novo passado’ que vem constituindo uma forma de cultura histórica contemporânea [que] diz respeito às vozes que voltam, que leem as narrativas, que as criticam e cobram dos vivos a sua devida representação”⁶¹. Complementarmente, aquilo que Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio*⁶², ressalta como a literatura contemporânea mundial é marcada pela experiência do exílio e da diáspora, fruto de guerras no mundo todo. Por outro lado, assim como no início do século, a literatura palestina permanece em seu sentido de singularidade: sua trajetória que informa um processo colonial, mas com desdobramentos muito específicos, e de longa duração. O trauma não é o passado, é o presente, a identidade não é referida simplesmente a um orgulho nacional,

⁵⁹ ABULHAWA, S. *Mornings in Jenin*. New York: Bloomsbury, 2010.

⁶⁰ ALYAN, H. *Salt Houses*. Boston & NY: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

⁶¹ TURIM, R. A polifonia do tempo: ficção, trauma e aceleração no Brasil contemporâneo. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 55-70, 2017. p. 62.

⁶² SAID, E. W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

mas a uma luta por existência, sendo o cotidiano um sinal de persistência. São temas que atravessam essa produção literária mais recente, e que estão imbricadas às experiências geracionais de palestinos na Palestina e no mundo.

Considerações finais

Buscar traçar um panorama de um cenário literário de aproximadamente cem anos é, sem dúvida, entender as próprias lacunas que este tipo de sistematização implica. É uma tarefa que, embora realizada com bastante cuidado, se mantém sempre com o potencial de agregar novas obras e discussões renovadas sobre os períodos. Nesse sentido, o panorama busca apresentar uma sistematização, percebendo nuances e transformações, mas não são marcações rígidas em termos de temporalidades e seus autores. Dito isto, entendemos como relevante trazer alguns aspectos das características, permanências e transformações das preocupações deste campo literário, desenvolvimento em meio à difícil realidade da Palestina e dos palestinos frente aos processos de expulsão e ocupação.

Podemos traçar alguns pontos de aproximação entre os períodos. Primeiramente, é notável, a partir de estudos do período e de historiografia posterior, a efervescência cultural que permeava a Palestina nas primeiras décadas do século XX, com uma pulsante circulação literária, preocupada com o desenvolvimento literário em si, mas imbricada e altamente consciente das questões que atravessava seu território. Podemos dizer que, em certa parte, isto deu base para o desenvolvimento posterior, embora 1948 tenha representado uma ruptura sem igual para o povo palestino. Nesse sentido, um ponto de certa constância na produção desta literatura é a preocupação com o território, e a ligação destes sujeitos com aquele espaço social. Isto está presente desde o início do processo de perda de territórios pela ação sionista e britânica, passando pela perda total com a *Nakba* e na relação de insistência de ligação com a terra sob a condição diaspórica e geracional. A identidade é, então, marcada pela consistência permanente da relação dos palestinos com a terra, a possibilidade de sua reprodução social e continuidade de suas práticas culturais – ainda que isso se dê, hoje, muitas vezes numa conexão imaginativa dada à impossibilidade do retorno.

Nessa seara, também se destaca que essa identidade se desenvolveu conjuntamente com uma noção de construção de nação, que também será modelada, em certos contextos, a partir de um nacionalismo periférico, ou de Terceiro Mundo. Esta modelação da nação, presente desde o princípio, mas com contornos diversos ao longo do século XX e XXI, não se deteve na construção de um Estado – necessariamente, ou somente, mas na sua ligação com o território.

Um ponto que associa à experiência palestina aos colonialismos do mundo contemporâneo, mas que se singulariza pela particularidade de seu desenvolvimento, como discutimos ao longo do artigo.

Por outra perspectiva, é possível compreender que há, hoje, uma ramificação maior em termos da produção dessa literatura, seus temas relacionais ao problema da Palestina e seus lugares de elaboração e interlocução. Se antes parte dessa literatura foi produzida por uma *intelligentsia*, em um tempo mais próximo ela se expande para diferentes polos dessa produção palestina, da diáspora, dos campos de refugiados, de Gaza, entre outros espaços. Podemos compreender este fenômeno como uma transformação histórica das próprias características contemporâneas de produção e circulação desses materiais, e de uma origem mais diversa de produção. Isto também implica em uma ampliação das vozes e, também, os tensionamentos que atravessam as populações na atualidade, que não estão restritos somente à Palestina, mas que tem implicações próprias, como quando falamos na interação entre gênero e colonialismo.

Por fim, vimos marcos de cada momento histórico, objetivando localizar características importantes dos diferentes períodos. Em um primeiro momento, trata-se da denúncia e circulação de uma consciência política e nacional; para um segundo momento, a tentativa de sobreviver depois da destruição, e a gradativa construção de um vocabulário nacional político, mobilizando uma intelectualidade importante e perseguida no contexto do pós-1948. Depois de 1967 e, ainda de 1990, as urgências quanto aos efeitos da ocupação e seu aprofundamento a partir dos diversos desdobramentos regionais e internacionais da Questão Palestina.

Ainda que em uma etapa inicial, este panorama busca demonstrar como a construção literária é indissociada da luta pela libertação da Palestina, e nesse sentido, do profícuo cenário de criação, contestação e resistência. Há uma historiografia que trata deste tema, como aquela mobilizada ao longo do artigo, ainda que haja espaço para maior ampliação dos estudos. Desde o Brasil, é importante conhecermos cada vez mais esta produção literária, de modo a aproximar a realidade palestina à nossa, e ademais, aprofundar os estudos sobre a identidade e as formas culturais pelas quais se opera uma produção anticolonial, e especificamente, dentro do cenário da resistência palestina.

Referências

Fontes

- ABULHAWA, S. *Mornings in Jenin*. New York: Bloomsbury, 2010.
- ALYAN, H. *Salt Houses*. Boston; New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.
- KANAFANI, G. *Men in the Sun and Other Palestinian Stories*. Translated by Hilary Kilpatrick. London: Lynne Rienner Publishers, 1999.
- KHALIFEH, S. *The Inheritance*. Translated by Aida Bamia. Cairo: The University of Cairo Press, 2006.
- KHALIFEH, S. *Wild Thorns*. Translated by Trevor LeGassick and Elizabeth Fernea. Massachusetts: Interlink Book, 2011.

Obras Gerais

- ABDOU, I. M.; ABU-REMAILEH, R. A Literary Nahda Interrupted: Pre-Nakba Palestinian Literature as Adab Maqalat. *Journal of Palestine Studies*, v. 51, n. 3, p. 23-43, 2022.
- ABU-MANNEH, B. *The Palestinian Novel: From 1948 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- ABU-REMAILEH, R. 1948-1967: Literature under Triple Occupation Post-Nakba. *Country of Words*, Stanford University Press, 2023. Disponível em: <https://countryofwords.supdigital.org/periods/literature-under-triple-occupation-post-nakba/>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- ALLEN, R. *The Arabic Novel: An Historical and Critical Introduction*. New York: Syracuse University Press, 1982.
- AL-MUSAWI, M. J. *The Postcolonial Arabic Novel: Debating Ambivalence*. Leiden; Boston: Brill, 2003.
- CAMPOS, G. A. G. *Por uma filosofia da espera e da permanência: o tempo no cinema de Elia Suleiman e Kamal Aljafari*. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- DESAI, C. “Besieging the Cultural Siege”: Mapping Narratives of Nakba through Orality and Repertoires of Resistance. In: ABDO, N.; MASALHA, N. (Eds.). *An Oral History of the Palestinian Nakba*. London: Zed Books, 2018. p. 294-309.
- FALAH, G. The 1948 Israeli-Palestinian War and Its Aftermath: The Transformation and De-Signification of Palestine's Cultural Landscape. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 86, n. 2, p. 187-386, 1996.
- FARAG, J. R. *Politics and the Palestinian Literature in Exile: Gender, Aesthetics and Resistance in the Short Story*. London: I. B. Tauris, 2017.

FIGUEIREDO, C. F. de. Traços de uma Haifa vermelha: um estudo sobre a cultura visual da sociedade palestina/israelense através de charges e ilustrações do artista palestino Abed Abdi (1972-1982). 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

FIGUEIREDO, C. F. de. Mil e uma Palestina(s): dimensões de narração, construções espaço-temporais e inscrição de cultura a partir da literatura de escritoras palestinas na contemporaneidade. 2022. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

FIGUEIREDO, C. F. de. Cultura e política: perspectivas de Ghassan Kanafani sobre a formação e organização da literatura sionista. *Revista Maracanan*, n. 41, p. 1-23, jan./abr. 2026.

GENNARI, M. S. O exílio palestino em *Homens ao Sol* (1963): diálogos entre história e literatura. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

HOLT, E. M. Resistance Literature and Occupied Palestine in Cold War Beirut. *Journal of Palestine Studies*, v. 50, n. 1, p. 3-18, 2021.

INTERACTIVE ENCYCLOPEDIA OF THE PALESTINE QUESTION. Biography: Ibrahim Tuqan. Disponível em: <https://www.palquest.org/en/biography/9721/ibrahim-tuqan>. Acesso em: 9 fev. 2026.

KANAFANI, G. Palestinian Literature. Translated by Sulafa Hijjawi. In: HIJJAWI, Sulafa. *Poetry of Resistance in Occupied Palestine*. Baghdad: Ministry of Culture, 2009. p. 3-8.

KANAFANI, G. A revolução palestina de 1936 a 1939. Tradução de Letícia Bergamini Souto. São Paulo: Expressão Popular, 2024.

KHALIDI, R. *Palestinian Identity: The Construction of Modern National Consciousness*. New York: Columbia University Press, 1997.

KHALIDI, R. *The Hundred Years' War on Palestine: A History of Settler Colonial Conquest and Resistance, 1917-2017*. New York: Metropolitan Books, 2020.

MASALHA, N. *Expulsion of the Palestinians: The Concept of "Transfer" in Zionist Political Thought (1882-1948)*. Washington: Institute for Palestine Studies, 1992.

MASALHA, N. Decolonizing Methodology, Reclaiming Memory: Palestinian Oral Histories and Memories of the Nakba. In: ABDO, N.; MASALHA, N. (Eds.). *An Oral History of the Palestinian Nakba*. London: Zed Books, 2018. p. 6-39.

MOOSA, M. *The Origins of Modern Arabic Fiction*. 2nd ed. London: A Three Continents Book, 1997.

NAZARETH, P. An Interview with Sahar Khalifeh. *The Iowa Review*, Iowa, v. 11, p. 67-86, 1980.

OUYANG, W. *Poetics of Love in the Arabic Novel: Nation-State, Modernity and Tradition*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.

OUYANG, W. *Politics of Nostalgia in the Arabic Novel: Nation-State, Modernity and Tradition*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

PELED, M. *Annals of Doom: Palestinian Literature — 1917-1948*. Arabica, v. 29, n. 2, p. 143-183, 1982.

SAID, E. W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, E. W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, E. W. *A questão da Palestina*. Tradução de Sonia Midori. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SALGADO NETO, L. *O movimento político árabe na Palestina sob controle britânico: culturas políticas em perspectiva comparada (1929-1937)*. 2017. Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SAYIGH, R. *Nakba Silencing and the Challenge of Palestinian Oral History*. In: ABDO, N.; MASALHA, N. (Eds.). *An Oral History of the Palestinian Nakba*. London: Zed Books, 2018. p. 114-135.

SEIKALY, S. *Men of Capital: Scarcity and Economy in Mandate Palestine*. Stanford: Stanford University Press, 2016.

SELIM, S. *The Narrative Craft: Realism and Fiction in the Arabic Canon*. Edebiyat: Journal of M. E. Literatures, London, v. 14, n. 1-2, p. 109-128, 2003.

SHEEHI, S. *Foundations of Modern Arab Identity*. Gainesville: University Press of Florida, 2004.

TURIM, R. *A polifonia do tempo: ficção, trauma e aceleração no Brasil contemporâneo*. ArtCultura, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 55-70, 2017.

WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.